

A Falta de Engenheiros no Mercado de Trabalho ou “Desperdícios” De Engenheiros no Brasil?¹

Alain Pascal Kaly*

A nova fase do capitalismo brasileiro no segundo mandato do presidente Inácio Lula da Silva e no atual governo da presidente Dilma vem colocando as autoridades em estado de preocupações, alerta. Segundo as projeções, o país já está tendo crises de mão de obra altamente qualificada para atender as demandas cada vez maiores das industriais. As mesmas projeções salientam que o país terá o seu desenvolvimento industrial quase comprometido com a falta de engenheiros em diversos setores daqui há cinco anos. O ministro Mercadante vem anunciando medidas a curto, médio e longo prazo para que o país possa dispor desta mão de obra altamente qualificada. A primeira seria a contratação de pesquisadores e professores renomados para ingressar nas universidades públicas e a segunda consistiria em mandar estudantes para fazer mestrados e doutorados em diversos países desenvolvidos².

Morador do Centro do Rio de Janeiro já faz tempo, passei a ficar no final de semana em frente da Câmara dos Vereadores, da Biblioteca Nacional ou do Palácio dos deputados estaduais na Praça XV. Esses passeios matinais nos finais de semana me possibilitavam acompanhar os formandos de diversas universidades e cursos

¹ Uma parte deste artigo original foi publicada no mês de novembro 2011 sob o título: “Desprestígio racial, desperdício social e branqueamento do êxito na revista eletrônica Espaço Acadêmico no site: www.periodicos.uem.br/index.php/espacoAcademico/article/View/15160. *Agradeço Adilma, Ana Maria que me mandaram rapidamente os documentos sobre o projeto Equidade e Damien Hazard que depois longas conversas me encaminhou o depoimento. Sou grato a VIDA Brasil/Salvador. Agradeço Deyse Luciano que fez a primeira leitura e o meu colega do departamento o professor que me convidou a escrever o artigo.*

* Doutor em Sociologia. Professor em Sócio-História e Culturas africanas da UFRRJ. Pós-doutorando no departamento de História da Unicamp. Presidente da Organização Não-Governamental VIDA Brasil. Contato: papa1kaly@yahoo.fr.

² Esta proposta lembra o que fez o Japão no século XIX.

fazendo fotos dos seus álbuns de formatura. Eles eram acompanhados por familiares, namorados ou namoradas e amigos. Mas o que atraía minha atenção eram os graus da tonalidade da cor da pele dos funcionários das empresas responsáveis das formaturas e os formandos. Entre os funcionários das empresas parecia haver uma relação ou coincidências entre o grau da tonalidade da cor da pele e a função. Os responsáveis graduados da empresa era todos ou quase todos brancos, os fotógrafos³ eram brancos ou mestiços claros. Os funcionários da segurança, da distribuição das becas e dos ajustes, do serviço de água, têm a tonalidade da cor da pele entre preta e morena escuro. Nos cursos de maiores prestígios, quase todos os formandos são entre brancos e mestiços claros.

No dia 27 de agosto de 2011 a comunidade senegalesa do Rio de Janeiro foi convidada para assistir ‘a formatura do nosso conterrâneo Issa Toure que faz administração de empresa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Na entrada, havia as fotos dos formandos para que parentes e amigos deixassem seus votos. Ao adentrar na sala, o mesmo cenário dos formandos nas frentes da Câmara dos Vereadores, da Biblioteca Central e no Palácio dos deputados nos recepciona. Os seguranças bem fortes todos ou quase todos negros (pretos e clarinhos) com ares ferozes, o mestre da cerimônia mestiço claro, os fotógrafos mesma tonalidade da cor da pele. E a platéia composta por parentes e amigos obriga a se perguntar se não haveria negros inteligentes, capazes de estudar nas universidades públicas de ponta. Quando entraram os formandos, se ouviam os seguintes comentários. Tem um africano e um japonês. Não havia um japonês, mas sim um brasileiro de ascendência japonesa. Naquele dia, havia 40 formandos brasileiros (um negro e 39 brancos). No momento de receber o diploma, os colegas gritaram carinhosamente ou não: “Jacaré”.

Apoiando-se dos dados coletados durante os passeios do final de semana nos locais acima mencionados, nossa reflexão pretende focar, em primeiro lugar, os impactos negativos do *branqueamento* de determinadas profissões do Brasil nesta nova era do capitalismo, cujas diversidades culturais no mundo empresarial passam a ser pretendidas, segundo como as atuais preocupações das autoridades sobre a falta de engenheiros altamente qualificados escondem, na realidade, um verdadeiro desperdício de engenheiros pelo pai por ter decidido muito cedo o destino profissional de milhares de brasileiros não brancos. Eles estão canalizados para sonhar baixíssimo, exercer profissões periféricas sem grande possibilidade de sair do círculo da pobreza. E

³ Quando eu fazia o curso de fotografia no SENAC de Sete Portas em Salvador, o nosso professor de prática dizia que em Salvador era quase impossível um fotógrafo preto ser contratado para fotografar eventos (casamentos, aniversários...) de pessoas endinheiradas.

finalmente, focaremos os impactos negativos da cidadania periférica que assola a grande maioria dos brasileiros não brancos na escolha dos cursos universitários.

*

Foi no dia 26 de janeiro de 1944, dois meses depois do início da campanha da Itália. Enquanto os exércitos americanos, franceses e britânicos se dirigiam para Roma, o papa Pie XII manda o seu secretário de estado, o cardinal LUIGI Maglione para encontrar o embaixador da Inglaterra no Vaticano Sir Francis Godolphin D'Arcy Osborne, para lhe fazer uma surpreendente proposta.

Sir Francis D'Arcy Osborne transmite imediatamente por telegrama, o pedido do Vaticano ao alto comando das forças aliadas: “o papa espere que não tenham soldados de cor (africanos, afro-americanos, caribenhos, marroquinos e argelinos) nas tropas que ficarão em Roma depois da reconquista da Itália.”⁴

Bassidiki Coulibaly⁵ no seu livro - *Du crime d'être "Noir". Un milliard de "noirs" dans une prison identitaire* – traz uma pergunta, à primeira vista, ultrapassada porque o mundo está no século XXI: qual é o lugar do negro? Neste século caracterizado pela ultramodernidade, por identidades em constantes redefinições, pela aceitação científica da inexistência das quatro “raças” outrora ensinadas nas escolas, por uma constante reformulação poética e cultural segundo Edouard Glissant que ele mesmo denominou “*Du Tout-Monde*”⁶. Mas é diante deste “*Tout-Monde*” de Glissant caracterizado pela filosofia da relação que Bassidiki Coulibaly através o título do seu livro traz sutilmente perguntas tão atuais na vida cotidiana do negro em qualquer parte do mundo: porque ser negro seria sinônimo de ser criminoso em qualquer parte do mundo? Mas criminoso em qual sentido? O mesmo pensador salienta que desde que o negro fora colocado fora do mundo dos humanos pelo *Côde Noir* de Colbert no século XVII, será que os negros conseguirem re-integrar o mundo dos humanos após quatro séculos que presenciaram algumas das maiores revoluções e conquistas sociais, jurídicas, tecnológicas e científicas? E quando se fala do “problema do negro”, da “questão do negro”, será que a chamada a “questão do negro” não seria na realidade e, sobretudo, a “questão não-negra?”; é na realidade a “questão do branco”, a “questão do árabe”, a “questão do amarelo”, mas não seria, na realidade, a questão da humanidade? Passado mais de um século da abolição jurídica da escravidão no Brasil,

⁴ BILE, Serge; IGNACE, Audifac. *Et si Dieu n'aimait pas les noirs*. Enquete sur Le racisme aujourd'hui au Vatican: Saint Malo, 2008, p. 74 (tradução livre do autor)

⁵ COULIBALY, Bassidiki. *Du crime d'être "Noir". Un milliard de "noirs" dans une prison identitaire*. Paris: Homnisphères, 2006.

⁶ GLISSANT, Edouard. *Philosophie de la relation*. Paris, Gallimard, 2009. GLISSANT, Edouard. *Memoires des esclavages*. Paris: Gallimard, 2007.

será que o que está contido no “**ser negro**” no Brasil altamente interpenetrado, intermestiçado e ultramoderno parou de ser sinônimo de um crime, de uma debilidade psicológica, mental, moral, ética e de incapacidades intelectuais? Não seria mais sinônimo de desprovido de capacidades e inteligência para tudo que está relacionado ao uso da racionalidade científica mais apurada? **Abolição da escravidão = abolição dos preceitos inferiorizantes da colonização ligados a “raça negra”?** A escravidão é muito mais que um fato histórico a ser apressadamente estudado, catalogado, analisado e musealizado como bem salienta Françoise Vergès⁷. Os impactos negativos da escravidão e da colonização continuam vitimando milhares de jovens brasileiros não brancos nos bairros chamados de comunidades ou favelas nas escolas cujo ensino público é de pior qualidade. Sendo uma fase do processo colonial, a escravidão passa a ser um fato composto por diversos rizomas cujas repercussões nos planos social, político, econômico, moral, cultural e jurídico tornam o estudo daquela fase do processo colonial mais complexo porque as repercussões incidem na estruturação da personalidade dos indivíduos, das identidades individuais e coletivas, da sociedade, da nação e nas cartografias profissionais, habitacionais, da qualidade de infraestruturas profissionalizantes, da circulação do dinheiro e do acesso aos bens de consumo, culturais e nos graus do direito à cidadania.

As últimas décadas vêm presenciando publicações de livros sobre a filosofia na África, sobre inventores e pesquisadores negros de ponta, sobre memórias e as contribuições da África, de africanos e dos afros nas civilizações mundiais. Porque tais preocupações se a ciência decretou definitivamente que somos todos humanos e existe somente uma raça humana? Mas será que um decreto científico do século XX consegue extirpar também automaticamente todos os impactos negativos enraizados e seculares que a invenção das raças e suas hierarquizações proporcionaram ao longo de mais de quatro séculos de contatos brutais? E como estão ficando os eternos beneficiários da invenção das raças e das crenças as hierarquizações supostamente inatas?

Paul Fehmiu Brown e Oumar Dioume⁸ afirmam que se o *Côde Noir* transformou e fez do negro uma besta, no século XVIII o presidente Thomas Jefferson teve que apresentar aos americanos o primeiro relógio fabricado no país pelo inventor negro Benjamin Benneker. A invenção de 1753 foi um orgulho nacional até o dia que se descobriu que o inventor era um negro.

Yves Antoine no seu livro de 1998 “*Inventeurs et savants noirs*” salienta que há décadas que intelectuais africanos e das diásporas negras e vêm publicando livros

⁷ VERGÈS, Françoise. *La mémoire enchainée*. Questions sur l'esclavage. Paris: Michel Albin, 2006.

⁸ BROWN, Paul Fehmiu; DIOUME, Oumar. *Inventeurs et héros noirs*. Québec: Edit. 5 Continents, 1998.

sobre os inventores e pesquisadores negros de alto nível nas ciências exatas. A leitura do livro vai revelando que o pensador pretendia responder à pergunta central que norteia a reflexão ao longo do livro é como explicar o silenciamento das contribuições destes pesquisadores. A outra pergunta também que permeia todo o livro é: como se estabeleceu e tornou normal ideologicamente as descobertas científicas e as pesquisas de alto nível com as hierarquias das “raças”?

No fundo, a ocultação dos trabalhos importantes do homem negro constitui uma violência simbólica segundo a concepção de Pierre Bourdieu. Todos os seus desejos ou suas tentativas de se adequar aos modelos legitimadores estão frustrados. As diversas frustrações visam afundar a sua auto-estima e a sua confiança em si mesmo.⁹

Para conseguir analiticamente derrubar tais crenças, ele recorre a reflexões do geneticista Arnold Munnich que salienta que o mapa dos genes é o mesmo em todos os seres humanos independentemente da religião, o grupo étnico, da cor da pele, dos olhos e do tipo de cabelo. Estas reflexões trazidas revelam na realidade que o combate pelo resgate da dignidade humana por parte de africanos escravizados desde o século XV segundo Tony Martin (2004) encontra-se ainda atual. Os trabalhos de Frederick Douglass (*La vie de Frederick Douglass, esclave américain, écrite par lui-même*, publicado em 1845); Antenor Firmin (*L'égalité des races humaines* de 1885); Jean Price-Mars (*Ainsi parla l'oncle* de 1927); René Maran (*Batoula* de 1927); os trabalhos dos pensadores do Movimentos da Negritude (Aimé Césaire, Damas e Senghor); Cheikh Anta Diop (*Nations Negres et culture* de 1954); (Tecendo memórias, gestando futuro. História das Irmãs Negras e Indígenas Missionárias de Jesus Crucificado – MJC de 2009; Sylvia Serbin (*Reines d'Afrique et héroïnes de la diaspora noire* de 2005); Lilian Thuram¹⁰ (*Mes étoiles noires. De Lucy à Barack Obama* de 2010) vão nos revelando que a luta do/a negro/a, independentemente da sua nacionalidade e do seu status social continua atual e consiste a provar em primeiro lugar sua humanidade¹¹. O que teria levado o famoso e rico jogador francês¹² a escrever um livro cuja linha norteadora da sua análise consiste a lutar em prol do resgate da auto-estima de franceses de ascendência africana? O livro Thuram¹³ aponta que fama e riqueza não são, automaticamente, sinônimo de ter

⁹ ANTOINE, Yves. *Inventeurs et savants noirs*. Paris: L'Harmattan, 1998. p. 13. (Tradução livre do autor).

¹⁰ THURAM, Lilian. *Mes étoiles noires. De Lucy à Barack Obama*. Paris: Philippe Rey, 2010.

¹¹ Cf. STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia*. Raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Stepan mostra ao longo da sua análise como a eugenia tornara um movimento para o aprimoramento da raça humana, a pureza de alguns grupos que fora usado em grande parte do continente americano do século XIX até XX.

¹² Agradeço Agnes Darriet por me oferecer o livro e poder discuti-lo com ela depois da leitura.

¹³ THURAM, 2010.

acesso à cidadania plena quando fomos descendentes de escravizados ou colonizados na metrópole.¹⁴

Os livros de Brown e Dioume¹⁵ (*Inventeurs et héros noirs*) e de Yves Antoine (*Inventeurs et savants noirs*) apontam como a questão da raça e da cor da pele constituírem ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX grandes empecilhos para a democratização do acesso ao ensino de melhor qualidade para todas as camadas no Novo Mundo. Mas que as maiores vítimas estão os jovens afro-americanos. Tal qualidade do ensino já qualifica grande parte destes jovens para profissionalizações de “empregos” sem status social. Segundo Kenneth Clark¹⁶ os impactos de uma injustiça social enraizada podem vir a ser corrigidos, mas os dados causados na formação da personalidade desde a infância são duradores. Mas é fundamental que se aceite que este tipo de degradação torna-se melhor apreendida quando relacionada como sendo um produto da própria sociedade. O mesmo pensador salienta que a degradação proporciona a perda da auto-estima. “Não é efetivamente a questão da cor da pele que fere uma criança negra, mas é o valor do indivíduo em função da cor da sua pele.” Concordamos com Kenneth Clark na medida em que a esmagadora população brasileira negra passa a ter o seu valor enquanto que a pessoa é medida a partir do grau da tonalidade da cor da pele. As diversas cartografias com fronteiras invisivelmente traçadas para os não iniciados levam os jovens negros brasileiros à luta constante para a conquista do “passaporte” lhes permitindo atravessar as fronteiras sem grandes riscos: **a carteira de trabalho assinado**. Eles têm consciência e sabem que vivem numa prisão com muros invisíveis para os não iniciados ou para ser mais exato por aqueles que estão os maiores beneficiados.

*

Colocam o homem branco no gueto, suprimam-lhe as vantagens da

Instrução escolar, façam de tal modo que ele tenha de lutar penosamente para manter o seu respeito, dêem-lhe poucas possibilidades para que ele possa preservar sua intimidade e que tenha pouco acesso ao lazer. Após alguns tempos ele assumiria as características que vocês atribuíam aos negros. Estas características

¹⁴ A Caixa Econômica Federal teve sob pressão da SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) retirar da sua propaganda Machado de Assis pintado de branco. Um fundador da Academia Brasileira de Letras não poderia ser um não branco. Isso denota a atualidade da crença da inferioridade do não branco no país.

¹⁵ BROWN; DIOUME, 1998. DIOUME, Oumar. *Lumières noires de l'Humanité*. Inventeurs, héros, artistes et sportifs. Dakar: IFAN/UCAD, 2010.

¹⁶ CLARK, Kenneth B. *Ghetto noir*. Paris: Payot, 1966. p. 105.

não decorrem da cor da pele, mas da condição social na qual foi inserido o ser humano.¹⁷

No dia 22 de setembro de 2011, fui convidado por dois alunos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para proferir uma conversa sobre as culturas na África com os alunos do Colégio estadual Presidente Dutra que fica em frente da mesma universidade. Eram duas turmas do segundo grau (segundo e terceiro ano). Na véspera, decidi mudar o tema da conversa e focar **a questão da auto-estima**. Antes de iniciar a fala, fui perguntando a cada aluno o que eles sabiam sobre a África: “**guerras, fome, mortes...**” A segunda pergunta é sobre o que cada um pretende ser profissionalmente. As seguintes profissões foram destacadas: “quero ser médica; quero ser engenheiro florestal, químico, mecânico, informática, veterinário, agrônomo... Após as respostas, perguntei automaticamente: quais imagens dos bairros de vocês as televisões mostram? As respostas foram: **tráfico, traficantes, mortos, tiroteios...** Como no caso da África, as imagens veiculadas pelas televisões sobre os seus bairros são somente imagens desvalorizantes, cheias de estereótipos contribuindo para que aqueles meninos, adolescentes começam muito cedo a correr de si, se auto-rejeitando e minando assim quaisquer possibilidades de construção de uma auto-estima positiva. A terceira pergunta foi: O que vocês conhecem sobre o Egito Faraônico? Todos situaram o Egito na Ásia.

Ao longo da fala, fui mostrando que o batom, os perfumes, os colares e pulseiras usados no dia-a-dia pelas adolescentes e as mulheres foram inventados no Egito Faraônico. Cada dia, estamos beneficiando sem saber ou porque foi silenciado das invenções oriundas do continente africano. A minha fala fora pontuada por um silêncio não de respeito, de interesse, mas sim de dúvida. Todos eles até a própria professora não acreditavam que o Egito situado na África teria legado invenções que fazem parte da vida cotidiana deles. O ensino escamoteado da África no primeiro e segundo grau visa contribuir ainda mais na desintegração psicológica dos alunos de ascendência africana; transformando eles em eternos atletas renegados sem linha de chegada. Como será a auto-estima de uma pessoa em perpétuas fugas de si, em permanente auto-negação?

Voltando as profissões declinadas pelos alunos, é bom destacar que as profissões declinadas fazem partes das áreas tradicionais da nossa universidade e que todos os alunos são moradores dos municípios e dos bairros da zona Norte da cidade do Rio de Janeiro: Seropédica, Campo Grande, Nova Iguaçu, Itaguaí... Nenhum aluno como aluna quis exercer uma profissão relacionada às ciências humanas. Ao serem perguntados, porque queriam fazer estas profissões, as respostas eram iguais: “eu

¹⁷ GRIFFIN, John Howard. *Dans la peau d'un noir*. Paris: Gallimard, 1998. p. 143. (tradução livre do autor).

gosto”. Mas será que os alunos não declinaram tais cursos para conquistar a admiração dos colegas? Mas não seria a maneira encontrada para esquecer por um tempo as certezas da árdua luta para a conquista da carteira de trabalho assinado e de um emprego na periferia das periferias? Através dos olhares da professora de história eu via os olhares deterministas da sociedade e ficava perceptível para mim que ela não acreditava no que estava ouvindo. Era certo para ela que nenhum deles teria capacidades para passar no vestibular para estas áreas tão concorridas. A descrença nas capacidades intelectuais dos alunos parece tanta que os próprios professores já canalizam os alunos a lutar para as profissões da periferia. Alguns dos alunos poderiam vir a ser engenheiros ou médicos, mas muito provavelmente via as universidades privadas cuja qualidade do ensino é de baixo nível.

A maneira alegre com a qual os adolescentes responderem sobre a profissão tornava, momentaneamente, invisíveis as heranças das feridas profundas e graves infligidas pela crença ideológica da sociedade sobre a inferioridade do negro, das pessoas moradoras das comunidades e favelas fadadas à vida de sobressalto no mercado de trabalho, da marginalidade e da opressão. Não seria o enraizamento desta crença que leva as autoridades a nunca se preocupar com a qualidade do ensino público de primeiro e segundo grau. Incapacitando assim os meninos e adolescentes oriundos das comunidades a nunca ter psicologicamente capacidades para fazer os diversos cursos de prestígios e de altos salários. Será que eles sabem que a sociedade já diz e acredita que eles só poderiam exercer as profissões periféricas cujos salários permitem viver em sobressaltos? E ainda, os mesmos alunos adolescentes não estão também sabendo que a mesma sociedade já estabelecer o tipo de percurso que a esmagadora parte deles terá que seguir:

**- ensino público de baixa qualidade / formação Jovem aprendiz/
Primeiro emprego/carteira assinada;**

**- ensino público de baixa qualidade/primeiro emprego/cursos noturnos
nas universidades privadas para obtenção de um diploma.**

A luta pela formação de “Jovem Aprendiz” pelos jovens das comunidades¹⁸, majoritariamente negros é uma escolha dolorosa às vezes mas altamente racional. É o documento que lhe possibilita atravessar as portas invisíveis da prisão em horários pré-fixados. Ao conseguir ter a carteira de trabalho assinada, este documento passa a ser o seu talismã, o seu escudo contra as diversas formas de humilhações, brutalidades policiais e até contra a possibilidade de uma brutal morte e ser enterrado como

¹⁸ Tem um centro de formação perto da minha casa na Rua Joaquim Murinho em Santa Teresa no centro do Rio de Janeiro. Dezenas de mães estão sempre fazendo a fila para conseguir uma vaga para o filho ou a filha.

traficante ou tendo morto em troca de tiros com a polícia. Um adolescente trabalhador assassinado pela polícia, vítima de qualquer forma de brutalidade e violação dos seus direitos ganha maior repercussão na mídia e entre os familiares do que um sem. E quando o empregador vivendo na Zona Sul da cidade do Rio Janeiro testemunha que aquele adolescente é um trabalhador exemplar, o caso muda drasticamente de tratamento na imprensa de maior circulação. Aquele, sem a carteira de trabalho assinada, teria que comprovar que não faz parte do mundo do tráfico. Então, é melhor se garantir, primeiramente, de um documento que possibilita continuar vivo e ser tratado de vez enquanto como ser humano no dia-a-dia para depois voltar a estudar. Parece que somente os adolescentes das comunidades têm consciência de que sendo negro ou mestiço, o primeiro emprego com carteira assinada consiste é que dá o direito ao não ser confundido como marginal no dia-a-dia e não ser brutalmente assassinado. Todos eles viram corpos de conhecidos, familiares assassinados brutalmente e conseguem superar sem ajuda de psicólogos, funcionários do estado. O estado chega para deixar lastros fúnebres, marcas nas mentes e nos corpos e vazios que nunca serão preenchidos. Eles são pessoas envelhecidas antes do tempo, adultos sem viver a fase de infância, projetos de vida decididos pelos outros, destinos fixados pelos outros. Mesmo continuando vivos e estudando, a esmagadora maioria daqueles adolescentes são mortos vivos. Foram adestrados mentalmente e corporalmente a se auto-negar, se auto-envergonhar, a ter quase nojo em tudo que está relacionado ao negro, à cor preta. O lindo, o inteligente, o apresentável passa a ser sinônimo de branco/a e brancura. A falta da auto-estima torna-se um fato normal entre as pessoas negras independentemente da classe social e do sexo.

Os impactos negativos dos diversos traumatismos encontram seus remédios ou soluções no consumismo desenfreado. “Quero ser medico/a” passa ser um meio encontrado para quebrar simbolicamente o derrotismo, a falta de capacidades intelectuais impostas desde cedo e continuamente repetido ou projetado via as imagens das televisões.

As estruturas do país elaboraram cartografias jurídica, residencial, profissional, cultural e simbólica. Os traçados das fronteiras e as cartografias invisíveis encontram-se nos corpos, nos transportes, nos bairros, nos tipos de tratamento reservado a cada cidadão, nos tipos de ensino do primário até o segundo grau, nos locais e tipos de lazeres, no grau da cidadania, na geografia do gasto do próprio dinheiro de cada pessoa.

Todos os adolescentes daquela escola sabiam perfeitamente destas cartografias e dos traçados das fronteiras. Por isso que apesar de adolescentes, eles já eram monumentos. As cartografias verticais e horizontais se cruzam, se superpõem, se excluem, se encontram, se falam, mas não dialogam, brincam mas não se familiarizam.

Tais cartografias trazem consigo traçados que são prisões com portas invisibilizadas ou as pessoas que não estão engaioladas fingem não perceber.

Ao declarar: “Quero ser engenheiro, médica, veterinário...”, aqueles rostos estavam esbanjando felicidade, alegria frágil, mentirosa porque não convincente porque eles sabem que medico/a, engenheiro/a de diversas especialidades já tem, segundo a sociedade brasileira, a cor predeterminada: é a cor branca ou aquela que tende para a cor branca até para conseguir estágios.

*

Mas quem é negro?¹⁹

Vou ter que comprar um carro, não agüento mais as humilhações dos motoristas de táxi, sobretudo, à noite.²⁰

Em 2007, a Organização Não Governamental VIDA Brasil/Salvador e o Instituto Steve Biko e Ceafro elaboraram o projeto intitulado: **Formação de Jovens nos Novos Paradigmas da Equidade**. Era um dos projetos do Consórcio Social da Juventude em Salvador que envolveu 20 entidades. Segundo o coordenador da VIDA Brasil/Salvador, fora usada a Pedagogia da Equidade cujo cerne consiste prioritariamente na sensibilização e na valorização da diversidade humana focando as discriminações raciais, de gênero, deficiência e orientação afetivo-sexual. Por isso que os idealizadores do projeto reiteram que o conceito de equidade era o mais apropriado “no sentido de que toma em conta duas questões importantes e ausentes no conceito de igualdade”. Primeiramente, segundo os mesmos, o conceito proporciona condições para que se fique atento aos “impactos que os preconceitos, racismos, machismos e intolerâncias geram nas pessoas do ponto de vista cognitivo, emocional, da autoestima e da autoconfiança”. Por isso que este conceito cria condições para que faça políticas públicas diferenciadas para as comunidades que foram secularmente vítimas de diversas formas de discriminações impossibilitando a conquista de uma cidadania plena. E segundo, ao fazer uso do mesmo conceito, fica claro que a sociedade nunca não estaria criando as mesmas oportunidades para que todos possam ter igualmente as mesmas condições para contribuir ao desenvolvimento do país. Tal contexto já estabeleceu sutilmente mecanismos para barrar e até impossibilitar o surgimento de talentos em diversas áreas. Ou também já estabeleceu que somente alguns grupos sócio-raciais que terão direito a ser encorajados para o surgimento de talentos.

¹⁹ MAGNOLI, Demétrio, *Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial*, 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 119.

²⁰ Doutorando senegalês da UFRJ.

A equidade gera vantagens concretas e simbólicas: confiança, respeito aos direitos humanos, justiça social, participação, não violência, desenvolvimento auto-sustentável, auto-estima elevada, senso de pertence a uma comunidade e nação, formação de um capital social, etc. A iniquidade, ao excluir, desperdiça competências e talentos nas famílias, comunidades e países.²¹

O relatório afirma que a iniquidade leva ao desperdício de competências e de talentos. A avaliação final traz um item fundamental que corrobore com a nossa hipótese segundo a qual o Brasil estaria desperdiçando engenheiros.

Um dos primeiros objetivos principais do Programa do Primeiro Emprego do Governo Federal consistia a criar meios para facilitar o ingresso de jovens no mercado de trabalho formal ou informal. Aqui, é bom destacar que este programa visa não realidade educar o adolescente da classe baixa via o trabalho, outorgar a cidadania via o trabalho, adestrá-lo pelo trabalho. Os jovens se matam para conseguir a carteira de trabalho assinada porque passa a ser o documento salvador de uma morte violenta e de humilhações por parte das autoridades policiais. No caso de Salvador, após a formação dos jovens, conseguem inserir menos de 30% dos jovens. Mas uma das causas do fracasso está ligando à persistência das diversas formas de discriminações ligadas à cor da pele.

Mas essas medidas, enunciadas no início do programa, não conseguiram ser implementadas no período dos quatro anos do consórcio, e os jovens continuaram enfrentando as mesmas dificuldades para viabilizar seu ingresso, e os mesmos preconceitos já existentes no mercado do trabalho em relação a jovens, negros e pobres... Certas empresas aceitaram selecionar alguns jovens, ressaltando o critério da “boa aparência” para participar da seleção... Os jovens do consórcio, na sua imensa maioria (mais de 90%), eram negros, e constatamos muitas vezes, que as pessoas de pele mais clara achavam mais oportunidades, principalmente nos empregos em contato com o público.²²

Das informações trazidas pelo depoimento de Damien, destacarei uma que parece ter uma vida longa: “Certas empresas aceitaram selecionar alguns jovens, ressaltando o critério da “boa aparência” para participar da seleção... Os jovens do consórcio, na sua imensa maioria (mais de 90%), eram negros, e constatamos muitas vezes, que as pessoas de pele mais clara achavam mais oportunidades, principalmente nos empregos em contato com o público ». Mattoso²³ no livro – Bahia. Século XIX.

²¹ UNICEF, *Relatório da situação da Infância e Adolescências Brasileiras*, 2003. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/siab03_1.pdf>. Acesso em 10 dez. 2011.

²² Depoimento de Damien, Coordenador da VIDA Brasil/Salvador.

²³ MATTOSO, Katia M. de Queiros. *Bahia. Século XIX. Uma província no império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Uma Província no Império – destacou que muitos libertos encontravam no século XIX sérios problemas para se inserir no mercado de trabalho. Os libertos e livres enfrentavam todos os tipos de preconceitos para conseguir trabalho ao longo do século XIX. Segundo a historiadora os da cor preta enfrentavam mais dificuldades de inserção. Nenhuma empresa aceitava contratar pessoas de cor preta para cargos que as colocariam em contatos com pessoas endinheiradas. Somente os libertos e livres de cor clara eram recrutadas. Tais dificuldades ligadas à cor da pele foram também salientadas pela historiadora Maria Ines Cortez de Oliveira. Seria uma pura coincidência que passado mais de um século que no século XXI os brasileiros de ascendência africana de cor preta estejam enfrentando as mesmas situações dos tempos da escravidão? Apesar dos avanços em diversas áreas, parece que as mentalidades estão ainda atreladas às ideologias do século XIX sobre a inferioridade do negro.

Ora, a nossa reflexão foi revelando como no contexto do país, capacidades intelectuais, as divisões profissionais e salariais, de beleza, de ética e de moralidade/ idoneidade já foram feitas baseadas nas “raças”, mas também no grau da tonalidade da cor da pele, no endereço residencial. Quando as autoridades estão ficando preocupados com a falta de engenheiros num futuro próximo, será que eles pararam para pensar analiticamente sobre os impactos negativos da iniquidade entre os séculos XIX e XX? Será que haveria penúria de competências e talentos quando vai se tratar do futebol, de música²⁴, em suma de entretenimento? Não seria esta estruturação mental e concreta das cartografias da sociedade que constituem em si as “Divisões perigosas”? E que foram tais cartografias que estariam contribuindo para o desperdício de talentos, competências com impactos na falta de mão de obra altamente qualificada supra racial no país em diversas áreas, mas também violando assim os direitos humanos? As recusas de conceder uma oportunidade aos jovens de cor preta é um dos efeitos da marginalização que vitimam muito mais as crianças, os adolescentes e adultos negros e moradores das comunidades deixam seqüelas profundas e desintegradoras nos planos mental, emocional e psicológica sem contar as cargas negativas das constantes frustrações. Tal contexto tem repercussões no aprendizado das crianças e dos adolescentes na escola e até na universidade. É fundamental destacar que qualquer tipo confinamento (físico, emocional, psicológico, psíquico, administrativo...) é na realidade uma deportação que proporciona o desenvolvimento de seqüelas iguais à marginalização por ser uma marginalização.

²⁴ É fundamental destacar que nas casas noturnas da Lapa no Rio de Janeiro, são os jovens da classe média da Zona Sul que estão sendo contratados para tocar samba. São predominantemente brancos e mestiços claros.

Por isso que concordamos com Leo Spitzer²⁵, quando afirma que a marginalização constitui uma situação limítrofe “entre dois mundos” cujas barreiras vão revelando ao indivíduo que a sua integração social no mundo dos dominadores e o acesso aos privilégios deles são impossíveis. A alocação de uma cidadania periférica a determinados grupos sócio-raciais. Apesar das mudanças acontecidas em diversas áreas da vida no Brasil, as marginalizações baseadas nos traços das cartografias salientadas anteriormente continuam vitimando milhares de jovens não brancos de ambos os sexos. Isso fica muito mais nítido no final da formação dos jovens do Consórcio da Equidade em Salvador.

*

Os debates sobre ações afirmativas e cotas possibilitaram a publicações de livros com novos olhares sobre as relações sociais no país. Alguns dos grandes pensadores passaram da condição de intelectuais a francos defensores da perenidade de ideologias seculares marginalizantes. Os organizadores do livro “Divisões perigosas. Políticas raciais no Brasil contemporâneo” acertaram adequadamente no título, porém suas análises foram drasticamente *hors sujet*. Como conseguem perder de vista os impactos da iniquidade e desconheciam os conceitos “equidade” e iniquidade?

O que Ali Kamel entende por “Não somos racistas”. Será que está afirmando, defendendo que não se mede mais as capacidades intelectuais, a beleza física, a inteligência, a ética e a moralidade primeiramente a partir da cor da pele e do grau da tonalidade da pele? Ou será que estaria dizendo que cada um sabe tão bem o seu lugar, o seu papel e importância desde a infância que tal estruturação social não é racismo mais sim resultados das cartografias e suas fronteiras. Se tal é o caso, o título do seu livro é mais que exato.

O que os organizadores do livro “Divisões perigosas” estão tentando alertar? Que as cartografias com suas fronteiras simbolicamente, administrativamente e mentalmente fixam, confinam e deportam milhões de pessoas em diversos planos na vida cotidiana. Que a persistência destas cartografias com traçados simbólicos e mentais baseados na cor da pele, no grau da tonalidade da cor da pele não coadunam mais com as exigências contemporâneas da modernidade que está tomando cada vez mais em conta o respeito dos direitos humanos como critérios de avaliação do desenvolvimento humano. Se for isso o propósito do título do livro e dos artigos, concordo com eles. Mas lendo o livro e acompanhando as aparições dos organizadores nos meios de comunicação de maior circulação, fica claro que estão pregando o respeito dos lugares já definidos por herança, por nascimento. Mas será

²⁵ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio*. Assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental 1780 – 1945. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 16.

que tais heranças e o respeito dos lugares pré-estabelecidos não iriam contra a nova conjuntura contemporânea? Querer continuar mantendo as seculares não seria aí que moram os perigos para a estabilidade social, econômica, política e moral?

O que Magnoli Demétrio entende por “Gota de sangue. História do pensamento racial”? Antes mesmo de mergulhar na leitura do seu livro, o título já suscita várias interpretações, mas vou me deter a uma só. Parece que o título consiste a mostrar como o apego à divisão de seres humanos em raças e, sobretudo, em suas hierarquizações criou problemas que culminaram os campos de concentração e extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial. Acontecimento em plena Europa Ocidental que cientificamente dividiu em raça e estabeleceu rígidas hierarquias que continuam outorgando e protegendo privilégios e poderes. Não se prender mais à crença da existência de raças humanas e, sobretudo, às estanques hierarquias o mundo viria a ser melhor. Seria isso a defesa analítica de Magnoli?

Ao fazer uso dos conceitos de equidade e iniquidade e seus impactos na vida cotidiana de um país, os pensadores dos livros citados na conclusão teriam percebidos suas análises estão contribuindo para que o país venha a ter sérios problemas de engenheiros. Qual seria um dia as atitudes dos chefes de setores tendo que lidar com engenheiros indígenas? Ou como se comportariam um dia engenheiros brancos tendo um chefe de origem indígena?

A popularização e a facilidade do acesso aos bens de consumo com enormes sacrifícios (dívidas mensais de vários anos) estão enganosamente e psicologicamente colocando no mesmo patamar os eternos desiguais. O ser gente passou a ser sinônimo de poder consumir, de poder usar roupas e tênis da moda, ter o celular de última geração. Seriam nestas aparências adquiridas com duríssimas penas para conquistar a cidadania (a cidadania da aparência) que os pensadores estão se baseando para sustentar a existência da igualdade de todos perante a lei e as oportunidades, o tratamento enquanto cidadão e ficam cegos diante das cartografias que confinam, deportam, fixam e determinam futuros, escolhas, relações afetivo-sexuais. Para amenizar a falta de engenheiros, o país vai dever criar o que Glissant denominou a memória do futuro para a nação. Ela consiste a eliminar as cartografias e as fronteiras que preestabeleciam o grau de cidadania, o lugar e o trajeto de cada cidadão. As políticas de eugenia, de branqueamento, da democracia racial (que não existiram) possuem suas estruturas cartográficas com traçados determinando divisórias e critérios para atravessar fronteiras em todos os planos da vida e além dos medos que fazem parte da vida cotidiana dos candidatos à migração clandestina na própria cidade, no país. As marcas destas violências são profundas e quase indelévels.

Referências

- ANTOINE, Yves. *Inventeurs et savants noirs*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- BILE, Serge; IGNACE, Audifac. *Et si Dieu n'aimait pas les noirs*. Enquete sur Le racisme aujourd'hui au Vatican: Saint Malo, 2008.
- BROWN, Paul Fehmiu; DIOUME, Oumar. *Inventeurs et héros noirs*. Québec: Edit. 5 Continents, 1998.
- CLARK, Kenneth B. *Ghetto noir*. Paris: Payot, 1966.
- COULIBALY, Bassidiki. *Du crime d'être "Noir"*. Un milliard de "noirs" dans une prison identitaire. Paris: Homnisphères, 2006.
- DIOUME, Oumar. *Lumières noires de l'Humanité*. Inventeurs, héros, artistes et sportifs. Dakar: IFAN/UCAD, 2010.
- GLISSANT, Edouard. *Philosophie de la relation*. Paris, Gallimard, 2009.
- _____. *Memoires des esclavages*. Paris: Gallimard, 2007.
- GRIFFIN, John Howard. *Dans la peau d'un noir*. Paris: Gallimard, 1998.
- MAGNOLI, Demétrio, *Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial*, 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- MATTOSO, Katia M. de Queiros. *Bahia. Século XIX. Uma província no império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- SPITZNER, Leo. *Vidas de entremeio*. Assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental 1780 – 1945. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia*. Raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- THEODORO, Mario (Org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição*. Brasília: IPEA, 2008.
- THURAM, Lilian. *Mes étoiles noires*. De Lucy à Barack Obama. Paris: Philippe Rey, 2010.
- ONG VIDA Brasil/Salvador; INSTITUTO STEVE BIKO; CEAFFRO. *Projeto de Formação de Jovens nos Novos Paradigmas da Equidade*. Relatório das ações da Rede de Equidade no CSJ/RMS, 2007.

_____. *Relatório das ações da Rede de Equidade no CSJ/RMS*, 2007.

UNICEF, *Relatório da situação da Infância e Adolescências Brasileiras*, 2003. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/siab03_1.pdf>. Acesso em 10 dez. 2011.

VERGÈS, Françoise. *La mémoire enchainée*. Questions sur l'esclavage. Paris: Michel Albin, 2006.

A Falta de Engenheiros no Mercado de Trabalho ou “Desperdícios” de Engenheiros no Brasil?

Resumo:

Este artigo é uma reflexão sobre os impactos negativos da política de branqueamento adotada pelas autoridades políticas e as elites brasileiras desde o século XIX nos planos psicológico e psíquico na vida dos jovens. Tais decisões políticas e ideológicas estão tendo repercussões não só na vida cotidiana de milhões de brasileiros de ascendência africana, nos planos profissional, cultural e no grau da concessão da cidadania.

Palavras-Chave:

Racismo. Colonização mental. Cidadania.

Lack of Engineers in the Job Market or "waste" of Engineers in Brazil?

Abstract

This article is a reflection on the negative impacts of whitening policy adopted by political authorities and by the Brazilian elites since the nineteenth century in the psychological and psychic life of the young. Such politic and ideological decisions have an impact on the daily lives of millions of Brazilians of African descent, on professional and cultural level and on the concession of citizenship.

Keywords:

Racism. Mental colonization. Citizenship.